



## MEMÓRIA DE BRASÍLIA 7

### Sob o signo da poesia

**Luiz Artur Toribio**

Brasília nasceu sob o signo da poesia. O presidente Juscelino Kubitscheck era um amigo das artes. Para a inauguração da Nova Capital, encomendou pessoalmente ao consagrado poeta Guilherme de Almeida um texto para a ocasião. Guilherme compôs o poema "Prece Natalícia de Brasília" e o leu, com toda a emoção a que tinha direito, no dia 21 de abril de 1969, em plena Praça dos Três Poderes. Agora, este mesmo poema ganhou uma nova leitura através do Jogral da Câmara dos Deputados. Hoje ele será reapresentado, juntamente com outros (ver matéria na página 20) na abertura de uma exposição no Memorial JK. Este belíssimo poema, não pode ser apagado da Memória de Brasília. Vamos relembrá-lo através da leitura do Jogral da Câmara:

Prece Natalícia de Brasília  
Agora e aqui é a  
Encruzilhada Tempo-Espaço!  
Caminho que vem do Passado  
e vai ao Futuro!  
Caminho do Norte, do Sul,  
do Leste e do Oeste!  
Caminho de ao longo dos séculos!  
Caminho de ao longo do mundo!  
Agora e aqui todos se cruzam  
Pelo sinal da Santa Cruz!  
Ave, Cruz!  
Tanta cruz pelos caminhos,  
através de tanto tempo e tanto espaço!  
E da intersecção de auroras e poentes  
setas em cruz sobre arcos retesos...  
Partiram os dias! Partiram as noites!  
Cruzaram os ares! Cruzaram as terras!  
Por séculos e anos e luas!  
... E um dia augural,  
num alvo papel pregado à prancheta  
a cruz sempiterna pousou sua sombra...  
... e — um traço, outro traço —  
“do gesto primário  
de quem assinala um lugar”  
dos riscos cortando-se em ângulo reto!  
... E, pois,

de uma cruz nasceste... Brasília.  
E, sublimação do “gesto primário”,  
ponto de encontro das fundas  
raízes do Tempo e do Espaço  
emerges da terra em forma de cruz.  
E, porque és Cruz, és Fé!  
Brasília... sozinha no plaino  
serás a intangível, a ilesa!  
Na sombra, a teus pés,  
não se há de trambar  
o torvo concluo dos quatro elementos!  
Nem contra os teus muros,  
as fúrias adversas prevalecerão!

Chuva que te inunde!  
Vento que te açoite!  
Sol que te incendeie!  
Bruma que te ofusque!  
Astro que te agoure!  
Raio que te toque!  
Chuva que te inunde!  
Tu secarás a chuva!  
Vento que te açoite!  
Abaterás o vento!  
Sol que te incendeie!  
Apagarás o sol!  
Bruma que te ofusque!  
Dissiparás a bruma!  
Astro que te agoure!  
Conjugaráς o astro!  
Raio que te toque!  
Embotarás o reio!

Ai estás, Brasília! E, como estás vivendo  
belamente este instante que é, de todos,  
os teus instantes, o eternizador!

Ai estás, Brasília!  
E, como estás, pareces  
ave de asas abertas sobre a terra:  
vôo pousado para alcar-se, altivo!  
Ai estás, Brasília do olhar menina!  
Menina-dos-olhos,  
olhando sem mágoa o Passado  
e sem medo o Futuro...  
Feita do fluxo e refluxo  
das forças que dão o poder,  
centripeta para tornar-se centrífuga!  
A que dirá... PRESENTE... impávida,  
ao chamado do fasto e do nefasto!  
A que é o Marco Zero das vias todas,  
da mais invia a mais viável!

Brasília, a tua Cruz que é  
Presépio também  
e a cujos pés a ti, no teu Natal, rogamos:  
Barca de Esperança! Carta de marear!  
Rosa-dos-ventos! Vela de conquista!  
Figura de proa! Bandeira de popa!

Torre de comando!  
Estrela de mareante!  
Porto de destino!  
Âncora de firmeza!  
Portal do sertão! Corda de arco!  
Farpa de flecha!  
Doutrina na taba!  
Foice de desbravamento!  
Clareira na selva!  
Clarinada no ermo!  
Bateia de garimpo!  
Diadema de esmeraldas!  
Crisol de raças!  
Ara de liberdade! Trono de império!  
Barrete Frigio!  
Toque de alvorada!  
Meta das Metas!  
Vive por nós!

(Guilherme de Almeida)